

UMA HISTÓRIA DO ENSINO DE MATEMÁTICA NO MUNICÍPIO DE PRESIDENTE MÉDICI RONDÔNIA (1972 – 1999)

Jucielma Rodrigues de Lima Dias¹
Enoque da Silva Reis²
Luiz Carlos Pais³

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar uma História da Matemática Escolar no atual município de Presidente Médici a partir da primeira escola fundada, “ESCOLA ISOLADA 15 DE NOVEMBRO”, criada pelo decreto nº 627 de 26 de setembro de 1972 no km 403 da BR 364 do município de Porto Velho – RO. A análise realizada ao investigarmos historicamente a disciplina escolar de Matemática desta escola encontra-se inserida no campo de pesquisa da História, em particular da História da Educação Matemática, sendo assim utilizaremos como aporte teórico-metodológico as ideias advindas dos autores Marc Bloch e Jacques Le Goff ambos pertencentes à Escola dos *Annales* juntamente com o conceito de vulgata de André Chervel e os escritos de Philippe Joutard sobre a utilização da História Oral. As fontes de pesquisa foram os documentos e testemunhos diretamente ligados à escola pesquisada. Nosso estudo permeou o intramuros da História educativa no Município de Presidente Médici, desvelando elementos pertencentes a documentos e memórias de pessoas que fazem parte dessa História, compreendidas entre 1972–1999. Ao finalizarmos esta pesquisa, trouxemos à tona fragmentos do processo de ensino de Matemática que podem enriquecer os conhecimentos históricos da Matemática Escolar preservando a memória regional.

Palavras-chave: História da Matemática. Matemática Escolar. Disciplinas Escolares. Presidente Médici – RO.

ABSTRACT

The aim of this paper is to present a History of School Mathematics in the current municipality of Presidente Médici from the first school founded, “SCHOOL ISOLATED NOVEMBER 15”, created by Decree No. 627 of September 26, 1972 at km 403 of BR 364 municipality of Porto Velho – RO. The analysis carried out by investigating historically the school subject of Mathematics of this school is inserted in the field of research of History, in particular of the History of Mathematical Education, so we will use as theoretical and methodological support the ideas coming from the authors Marc Bloch and Jacques Le Goff both belonging to the Annales School along with André Chervel's vulgate concept and Philippe Joutard's writings on the use of Oral History. The sources of research were the documents and testimonies directly linked to the researched school. Our study permeated the intramuros of educational history in the Municipality of Presidente Médici, revealing elements belonging to documents and memories of people who are part of this history, comprised between 1972–1999. At the end of this research, we brought out fragments of the process of teaching mathematics. that can enrich the historical knowledge of school mathematics while preserving the regional memory.

Keywords: History of Mathematics. School math. School subjects. President Medici – RO.

¹ Mestranda do PGEEN pela Universidade Federal de Rondônia - UNIR, *Campus Rolim de Moura*. E-mail: jucielmarodrigues@hotmail.com

² Docente da Universidade Federal de Rondônia. E-mail: enoque.reis@unir.br

³ Docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: luiz60pais@gmail.com

INTRODUÇÃO

A ideia de desenvolver a pesquisa com o tema História do Ensino de Matemática, surgiu por meio de discussões realizadas no Grupo de Estudo e Pesquisa em História da Educação Matemática Escolar (GEPHEME – RO), pois buscávamos elementos da História do Ensino de Matemática em Rondônia e não encontrávamos, sendo assim decidimos que o nosso campo de pesquisa e estudo seria a nossa região, passaríamos então a buscar fragmentos para que pudéssemos escrever um pouco sobre a História do Ensino de Matemática do nosso Estado.

A pesquisa realizada teve como objetivo elucidar uma História do ensino de Matemática no Município de Presidente Médici – RO (1972 – 1999) tendo, como principal fonte de pesquisa a atual escola 15 de Novembro que foi a primeira escola criada no Município no ano de 1972 com a denominação de Escola Isolada 15 de Novembro no antigo Distrito de Ji-Paraná – RO, hoje Município de Presidente Médici – RO. Para atingir o objetivo geral da pesquisa, operacionalizamos por meio de três objetivos específicos: 1) Analisar os documentos oficiais referentes a escola 15 de Novembro; 2) Registrar a História do Ensino de Matemática por meio de personagens ligados diretamente ou indiretamente a escola 15 de Novembro; 3) Caracterizar o(s) material(is) utilizado(s) no processo de Ensino de Matemática na Instituição em questão.

Levando em consideração a escola palco da pesquisa, criada pelo decreto nº 627 de 26 de setembro de 1972 e está em plena atividade até os dias atuais, com quase 45 anos de existência no âmbito educacional, vimos a necessidade de delimitar um espaço de tempo para a realização da presente pesquisa. Diante da situação temporal, com necessidade de tempo elencamos o momento em que a escola deixa de atender ao ensino fundamental 2, ou seja, em 1999, como ponto de inflexão, em outras palavras entendemos que aqui podemos denominar como um ponto de inflexão pois se trata de um momento em que ocorre algo marcante dentro a História, um ponto que retrata uma mudança na maneira em que os fatos acontecem e é com esta mudança na História que finalizamos nossas buscas documentais (Chervel, 1990). Em outras palavras, trata-se de um trabalho em que sua periodização está compreendida entre os anos de 1972 ano de criação da escola e o ano de 1999 que trata sobre a mudança de atendimento estudantil.

A análise realizada ao investigarmos historicamente a disciplina escolar de Matemática desta escola foi pautada nas ideias advindas dos autores March Bloch (2001), Jacques Le Goff (2003) ambos pertencentes à Escola dos *Annales*, André Chervel (1990), juntamente com os conceitos da História Oral de Philippe Joutard (1998).

Levando em vista os conceitos históricos, esta pesquisa ocorreu por meio da análise de documentos referentes a escola em questão e entrevistas com personagens diretamente ligados a esta instituição. Assim, ao finalizarmos esta pesquisa, trouxemos à tona fragmentos do processo de ensino de Matemática que podem enriquecer os conhecimentos históricos da Matemática escolar preservando a memória regional.

REFERENCIAL TEÓRICO

A fundamentação teórica deste presente trabalho, busca criar uma base sólida para que pudéssemos analisar as fontes desveladas que nos remetem a História da Educação Matemática Escolar no Município de Presidente Médici – RO e se tratando em um pesquisa no viés da História, será embasada pelas ideias advindas dos historiadores Jean Jacques Le Goff, March Bloch e André Chervel e os escritos sobre pesquisa em História Oral de Philippe Joutard. Tais conceitos foram inicialmente estudados nos encontros semanais do Grupo de Estudo e Pesquisa em História da Educação Matemática Escolar – Rondônia (GEPHEME – RO).

Segundo Marc Bloch (1886, p. 54), “o objeto da História é, por natureza, o homem. Digamos Melhor: os homens. Mais que no singular, favorável à abstração, o plural, que é o de modo gramatical da relatividade, convém a uma ciência da diversidade”. Tendo como pressuposto está citação de Bloch, nota-se a grande importância do papel do homem dentre a História, sendo ele como o historiador, narrador ou próprio personagem de tal retratação.

Le Goff traz em seus escritos, seis problemas tratados como primordiais para a discussão dentre as pesquisas históricas, são eles: 1) que relações existem entre a História vivida, e a História “natural”; 2) que relações tem a História com o tempo, tanto com o tempo natural quanto com o tempo vivido; 3) qual o relacionamento da dialética entre o passado e o presente; 4) a História é incapaz de prever e predizer o futuro; 5) A duração do tempo ou periodização; e 6) História dos homens na sociedade.

O primeiro problema trazido por Le Goff, que relações existem entre a História vivida, e a História “natural”, trata-se sobre uma História que não pode ser nem observada e nem vivida por quem a conta, por se tratar de uma História ocorrida no passado onde o historiador não viveu, e sim sobre uma História relatada através de testemunhos de quem as vivenciou, portanto, a ciência histórica não pode ser tida como um dado acabado, pois é um dado construído pelo historiador.

O segundo, que relações tem a História com o tempo, tanto com o tempo natural quanto com o tempo vivido, trata-se sobre o tempo que é matéria fundamental dentro a História. Quando tratamos sobre tal assunto, tem-se que esta noção é sempre dada a partir da cronologia dos fatos históricos e tal cronologia tem como principal instrumento o calendário que criado pela sociedade com intuito de contar, dominar o tempo natural e suas alternâncias, por outro lado, quando se trata de tempo vivido não faz sentido a tentativa de dominá-lo pois se trata de experiências e acontecimentos no decorrer da vida.

O terceiro problema, trata do relacionamento da dialética entre o passado e o presente, e esta oposição entre os dois termos de acordo com Le Goff (2003) é essencial na aquisição consciente do tempo. A escola dos *Annales* destaca que o passado é atingindo a partir do presente, e por outro lado, não podemos deixar de observar que o interesse do passado está em esclarecer o presente, porém, a retratação da História varia conforme a época em que ela é pesquisada, ou seja, o historiador não tem a capacidade de recriá-la sem que o seu presente interfira. Por outro lado, não podemos deixar de destacar a ideia da Ilusão da História romântica de Michelet “A ressurreição integral do passado” ou História positivista à Ranke “aquilo que realmente aconteceu” que pregam justamente o oposto, a escrita do passado eliminando qualquer influência do presente.

Ao discutirmos a respeito do quarto problema em que Le Goff (2003) enfatiza que a História é incapaz de prever e de predizer o futuro, estamos corroborando como dito popular que diz “o futuro a Deus pertence”, em outras palavras, o estudo do passado vem como uma ferramenta para os conhecimentos de fatos vividos não para prever os fatos futuros e sim para entendermos os efeitos das ações já realizadas.

O quinto problema, sendo ele, a duração do tempo ou periodização, sugere uma nova concepção do tempo histórico buscando as realidades mais distintas com durações mais lentas de mudança. Alguns historiadores que tiveram contato com outras ciências sociais e com ciências da natureza e da vida, desenvolveram a ideia de uma História “quase imóvel” (Braudel, Le Roy Laudie *apud* Le Goff 2003, p.15).

O sexto problema tratado por Le Goff, História dos homens na sociedade, trata sobre a evolução das sociedades humanas e do papel dos historiadores modernos tem em observar essa evolução pois, antigamente eram tratadas apenas a História da civilização humana mais com o passar do tempo, a sociedade passou a notar o surgimento de outras Histórias, como é o caso do surgir da História da natureza, da cultural e muitas outras que foram aparecendo através do conhecimento obtido por eles.

A História das Disciplinas Escolares e o interesse historiográfico sobre o assunto o tornou objeto de investigação de forma que pesquisadores buscam compreender o significado das mesmas na implementação de novos currículos. É inegável sua importância para sociedade pois, a História dos currículos e das disciplinas, articula-se nas transformações das grades curriculares nas últimas décadas. Segundo Chervel (1990),

A história das disciplinas escolares não deve entretanto ser considerada como uma parte negligenciada da história do ensino [...]. Pois não se trata somente de preencher uma lacuna na pesquisa. O que está em questão aqui é a própria concepção da história do ensino.

(Chervel, 1990, p. 9).

Neste sentido, a citação de Chervel nos mostra a importância de se pesquisar a História das Disciplinas Escolares, pois é de suma relevância para o avanço da educação e como fragmento histórico não deve ser tratado de forma desigual perante outras concepções do estudo histórico.

As Disciplinas Escolares, segundo Chervel, é uma combinação de saberes indispensáveis dentre as concepções e métodos pedagógicos que sua ligação com os alunos se dá de forma clara, as Disciplinas são modos de transmissão utilizados para passar aos alunos valores culturais. Chervel define a Disciplina da seguinte forma: “A disciplina é aquilo que se ensina e ponto final” (Chervel, 1990, p. 177).

Segundo Chervel 1988, a História das Disciplinas Escolares, dentre sua constituição e funcionamento, traz de imediato aos pesquisadores três problemas. O primeiro é da gênese, o segundo refere-se à função e o terceiro sobre seu funcionamento. O primeiro problema nos remete a criação da Disciplina Escolar, os fatos e acontecimentos que levaram ao surgimento da mesma. As Disciplinas Escolares que até o final do século XIX se tratava, segundo Chervel 1990, sobre a repressão de condutas prejudiciais a boa ordem e como a educação dos alunos contribuem isso para esse processo, passa a aparecer com sentido de “conteúdo do ensino” em que no princípio era tratada como ginástica

intelectual. Quando mais nos aprofundamos no significado de Disciplinas, nos deparamos com indagações que só compreendemos através de sua importância que, por sua vez, nos remete ao segundo problema, a função.

A escola, tendo como principal objetivo garantir condições para que os alunos desenvolvam suas capacidades e aprendam conteúdos que serão necessários em sua vida na sociedade, utilizam as Disciplinas como mecanismo para atender seus objetivos. O problema aparece quando nos indagamos sobre qual é a função de cada Disciplina, quando nos perguntamos qual delas tem mais importância. Dessa forma, quando nos debruçamos sobre estas indagações nos deparamos com o terceiro problema da pesquisa sobre a História das Disciplinas Escolares, sendo ele, o funcionamento. O funcionamento das Disciplinas Escolares se trata da constituição interna, assim como o trabalho pedagógico realizado buscando como resultado que os alunos se aproxime do objetivo cultural adotado pela sociedade e dessa forma é estabelecido um padrão sobre as Disciplinas a serem ensinadas nas escolas, porém cada professor estabelece sua maneira de proceder com determinada Disciplina. Quando nos voltando para a Matemática, notamos que existem concepções distintas no modo do ensino/aprendizagem da mesma. Por mais que exista um padrão no funcionamento da Disciplina, o modo como ela é entendida sofre variações de acordo com as concepções defendidas por cada professor. Nas palavras de Libâneo (1985):

A escola cumpre as funções que lhe são dadas pela sociedade que, por sua vez, apresenta-se constituída por classes sociais com interesses antagônicos (...). Fica claro, portanto, que o modo como os professores realizam seu trabalho, selecionam e organizam os conteúdos escolares, ou escolhem as técnicas de ensino e a avaliação, tem a ver com pressupostos teórico-metodológicos, explícitos ou implicitamente.

(Libâneo, 1985. p. 19).

Cada Disciplina Escolar é constituída por combinações metodológicas que variam de acordo com o lugar onde está sendo aplicada e de acordo com as finalidades a qual está sendo voltada o que pode ser melhor compreendido quando analisado a cultura em que a escola está inserida. Julia (2012) define cultura escolar como sendo um conjunto de normas e práticas que permitem a transmissão de conhecimento, condutas e comportamentos. Este conjunto de normas só podem ser analisados se levarmos em consideração todos os aspectos da escola, o corpo docente, dispositivos pedagógicos e todos os agentes que trabalham para manter o funcionamento da escola.

Para analisarmos a disciplina de matemática na época em questão, devemos levar em consideração o contexto cultural da escola, da sociedade e levar ainda a constituição da disciplina. Chervel (1990) define as disciplinas escolares como uma combinação de saberes de fundamental importância para os métodos pedagógicos que por sua vez são considerados modos de transmissão de conhecimento para os alunos.

A disciplina escolar é então constituída por uma combinação, em proporções variáveis, conforme o caso, de vários constituintes: um ensino de exposição, os exercícios, as práticas de incitação e motivação e um aparelho docimológico, os quais, em cada estado da disciplina, funcionam, evidentemente em estreita colaboração, de mesmo modo que cada um deles está, à sua maneira, em ligação direta com as finalidades.

(Chervel, 1990, p. 207).

Ao estudarmos as Disciplinas Escolares, nos deparamos com o termo “vulgata” que é utilizado quando nos referimos a elementos comuns dentre as Disciplinas. Chervel (1990) aponta que a organização do *corpus* de conhecimento são idênticos, sofrendo apenas algumas variações e estas, justificam a existências de novos materiais. As vulgatas evoluem e se transformam. A história das Disciplinas Escolares encontra-se em constante mudança e estas, possuem grande importância na evolução continua das Disciplinas, pois quando uma nova vulgata se instala, estabelece um período de estabilidade, porém esta nova vulgata sofre um período de transição, que ocorre quando há a existência de duas vulgatas ao mesmo tempo, sendo elas, a antiga e nova que passam a disputar território, até que aos poucos exista apenas uma que instala seus novos métodos e doutrina.

REFERENCIAL METODOLÓGICO

Como já explicitado anteriormente, em nossas fontes de pesquisa, temos personagens que estiveram ligados ao processo de ensino de matemática nesta instituição e neste período proposto para análise. Diante desta situação, fomos levados a buscar uma ferramenta que pudesse nos auxiliar da melhor forma possível, na coleta, catalogação e análise destes elementos, dessa forma, elegemos a história oral para esta ação. Os elementos que nos fizeram a escolhe-la estão descritos a seguir.

A História Oral ganhou força, na Itália no fim dos anos 60, quando surgiu com o intuito de utiliza-la para contar a História dos oprimidos em meio aos conflitos e

movimentos de feministas e sindicalistas de 1968 quando os historiadores passaram a utilizar a fonte oral como outra História ao invés de complemento. Desde então a História Oral passou a se disseminar pelo mundo através de projetos e eventos realizados para discussões do tema criando-se assim várias outras gerações de oralistas. Segundo Philippe Joutard,

[...] desde o início dividiram a História oral, uma próxima das ciências políticas, voltada para as elites e os notáveis, outra interessada nas populações sem História, situada na fronteira da antropologia. Além disso, coloca-se a questão das relações entre História oral e as disciplinas afins que também se utilizam da pesquisa oral, como a sociologia e a linguística.

(Joutard, 1996 apud Matos *et. all.*).

O pensamento de Joutard nos remete a perceber a História Oral não apenas como forma de complementar documentos escritos, mas também, como uma função distinta em outras áreas que utilizam a História Oral como fonte, que é o caso da antropologia e a sociologia. Com a divisão da História Oral, a parte da mesma que mais é utilizada, é a de relatar a História das populações a partir de entrevistas feitas com populares.

Um dos principais pontos da crítica à História oral é que, este tipo de fonte não pode ser considerado precisamente, pois possui informações que em documentos escritos não podem ser encontrados e também, que a fonte oral traz consigo a revelação das intenções de quem conta à História que pode expor seu ponto de vista através de suas crenças, mentalidades, imaginárias e pensamentos sobre suas experiências vividas.

A utilização da fonte oral deve atender aos alguns cuidados básicos, levando sempre em consideração de que o historiador deve ter consigo um amplo conhecimento das críticas e dos aspectos polêmicos que envolve a utilização da História oral.

A História oral é tida como uma fonte não confiável pois pode sofrer deterioração por causa de alguns aspectos, é também tida como forma de trazer à tona a chamada “História oculta”, sendo esta, a História que se trata da classe mais fraca. A grande crítica sobre a História oral é de que a mesma pudesse ser destorcida por quem a redige ou até mesmo por quem a relata.

Quando se propõe um trabalho no âmbito histórico, o pesquisador deve levar em consideração que não existe apenas uma maneira de realizar este trabalho, como por exemplo a História Oral, História Documental, a História retratada por vestígios antropólogos e arqueológicos, entre outras. Desta forma cabe ao historiador pesquisar e

escolher a vertente de pesquisa que o mesmo deseja trabalhar dentre a perspectiva de pesquisa histórica. Neste sentido, este tópico busca justificar a escolha de se abordar no mesmo trabalho dois tipos de se pesquisar História, em particular, História da Matemática.

A saber, História é construída e constantemente modificada pela ação do homem, desta forma ser considerada como fonte de pesquisa confiável é plausível, pois Bloch (2001. p.54) traz em seus escritos que “O objeto da história é, por natureza o homem”, se o homem é o objeto da história logo ele tem o direito de retrata-la a partir do seu ponto de vista. Por outro lado, temos que “Os fatos humanos são, por essência, fenômenos muito delicados, entre os quais muitos se escapam à medida matemática” (Bloch, 2001. p.54) desta forma pode se notar que por mais que o homem tenha criado tal história, o mesmo não é capaz de retrata-la fielmente pois muitos fatos se perdem com o passar do tempo e com isto, vemos a necessidade de utilizar o postulado intitulado pelo grupo de Pesquisa em História da Educação Matemática Escolar que é a “ameaça dos embustes” nas palavras de Pais (2016) isso significa que precisamos nos atentar a embustes que podem aparecer na forma de plágio, documentos falsos, falsas afirmações postas intencionalmente na História por motivos desconhecidos e a título de minimizar essa ameaça recorreremos então a uma outra ferramenta que é a história oral para justamente captar e analisar os elementos que diz respeito as pessoas envolvidas na educação no período colocado em questão.

Outro fator importante com relação à pesquisa histórica é que “todo conhecimento da humanidade, qualquer que seja, no tempo, seu ponto de aplicação, irá beber sempre nos testemunhos dos outros uma grande parte de sua substância” (Bloch, 2001. p.70) com isso, Bloch (1988) deixa claro que qualquer informação, não importa o tempo, sempre haverá testemunhos importantes em relação aos acontecimentos e neste sentido nos mostra que a História Oral pode e deve ser considerada, quando pesquisamos fatos históricos.

Os documentos são fontes de fatos que aconteceram no passado e por isso são usados constantemente em trabalhos históricos. Bloch (2001) aponta que a priori o conhecimento dos fatos humanos ocorrido no passado pode ser considerado um conhecimento através do vestígio, o que entendemos efetivamente por documentos senão um “vestígio” (Bloch, 2001. p. 73).

Com isso, por mais claro que nos pareça pesquisar a fatos que aconteceram na história, não podemos repetir ou investigar o passado, mas sim buscar fatos, testemunhas e vestígios diretamente ligados ao ponto da história em que nos propomos a elucidar.

Nesta perspectiva, o trabalho em questão utiliza ambas as referências para que desta forma, nos permitiu articular a análise de vestígios com a análise das falas de personagens ligados diretamente a História da escola em questão.

ANÁLISE

Os personagens desta análise, os quais chamaremos o primeiro entrevistado de Aluno e o segundo de Professor, ambos vivenciaram o cotidiano da Escola em meados dos anos 80. O Aluno estudou a 8ª série e o ensino médio na escola 15 de Novembro sendo que o mesmo residia no Estado do Paraná onde cursou os ensino Fundamental e veio para Rondônia com a família, já nosso outro personagem, o Professor foi membro do corpo docente da Escola em questão sendo professor de Matemática da mesma e foi professor do nosso primeiro entrevistado, o Aluno. Antes de adentrarmos especificamente na História da Educação Matemática no Município em questão, buscamos identificar como era o ensino geral na primeira escola criada na cidade e para isso realizamos perguntas aos nossos entrevistados para saber como era a estrutura da escola para termos uma visão sobre a mesma, saber se existia uma estrutura montada para se realizar o devido ensino aos alunos ou não. Nas palavras do Professor, “já tinha a escola física, o 15 de Novembro” (Entrevista professor) fala que pode ser confirmada na entrevista realizada com o aluno que nos trouxe mais detalhes de como era a instituição na época em que o mesmo frequentou a referida instituição. Segundo o Aluno,

O 15 de novembro era semelhante ao que ele é hoje só que foi feita reformas apenas mais a estrutura era a mesma, não era bem a mesma eu estou falando que era, porém não tinha refeitório, não tinha quadra era apenas os pavilhões administrativos e escolares”.

(Entrevista Aluno, 2016).

De fato, com base nas falas dos nossos entrevistados e no parecer N°11/79, citado na análise documental, pode-se concluir que a escola em questão já dispunha de uma estrutura física para desenvolvimento das atividades escolares e administrativas que a mesma necessitava. Vale ressaltar que esta triangulação entre as entrevistas e os documentos é de suma importância para reconhecermos a veracidade das informações em que temos, segundo LODI 1977, já citado neste trabalho, diz que para se dar veracidade

das informações de entrevistas é necessário tomar o cuidado de comparar as entrevistas com uma fonte externa, comparar com a de outro entrevistado e observar as dúvidas e as hesitações demonstradas pelo entrevistado. Tomamos como fontes externas os documentos referentes a instituição de ensino em questão e também a outra entrevista.

Quando os indagamos, os entrevistados da pesquisa, sobre os professores que lecionavam na escola, em particular o professor da disciplina de matemática, na intenção de averiguar o nível de formação que os professores que lecionavam na época tinham, podemos claramente notar na fala de ambos os personagens que os professores da instituição não possuíam formação na área em que atuavam. Nas palavras do Professor,

Eu tinha o segundo grau e o curso técnico. Eu fiz o segundo grau e gosto muito de matemática né, eu tinha facilidade de trabalhar com matemática, eu gosto muito de trabalhar com matemática então talvez seja isso que me facilitou.

(Entrevista Professor, 2016).

Notamos a veracidade da informação quando a confrontamos com a fala trazida pelo Aluno, que nos relata:

Era bem debilitada. Inclusive os professores, eles não tinham habilitação na área, eram apenas professores que eram, eu vou dizer assim coletados aqui na sociedade (...) então havia esta deficiência de professores.

(Entrevista Aluno, 2016).

Conforme a fala dos nossos entrevistados e a análise dos documentos da referida escola, pode-se afirmar que a mesma não dispunha de professores com formação para lecionar, tanto que o parecer N°11/79 traz a seguinte escrita “o corpo docente composto de 17 professores sendo que os apenas os professores da 5ª e 6ª série possuíam 2º grau e os professores de 1ª a 4ª série não estavam habilitados para lecionar” assim, nos fica claro a veracidade deste fato, de acordo com o confronto entre as entrevistas em si com o os vestígios históricos da instituição.

Adentrando no objetivo geral de nossa pesquisa, História da Educação Matemática, indagamos o Professor sobre a maneira em que o mesmo trabalhava os conteúdos matemáticos com intuito de desvelar o perfil deste profissional e através do mesmo, saber como se era trabalhada a Matemática no município na época em questão. Com isto obtivemos a seguinte fala: “Eu era meio Caxias na época, eu era de capa a capa, os exercícios tinham que ser feitos” (Entrevista Professor, 2016), fala que nos remete ao

pensamento que o Professor possui um perfil tradicional e priorizava a resolução dos exercícios contido no livro acreditando que os alunos aprenderiam os conteúdos a partir da repetição das técnicas de resolução, o que pode ser confirmado na fala do Aluno, que em suas palavras nos disse: “Era só quadro e pincel, nem pincel não era, era giz. Quadro negro e giz”. (Entrevista Aluno, 2016).

Como o Professor priorizava a utilização do livro de Matemática, vemos a necessidade de saber como era essa utilização dos mesmos e se os alunos tinham acesso aos livros didáticos e como era esse acesso, visando que na época a Município ainda era uma Vila pequena e afastada da capital, com isso nos deparamos com a seguinte fala do Professor: “Disponibilizava, eu gostava muito daquele autor Marcio Brandão” (Entrevista Professor, 2016), tal fala pode ser confirmada com a entrevista realizada com o Aluno que nos relatou:

Não, os livros todos eram comprados pelos pais dos alunos. Os professores tinham. A editora que vinha vender o livro para os alunos, eles ofereciam o livro do professor para o professor. Então eles faziam um acordo, os pais compravam o livro e eles entregavam o livro do professor para o professor.

(Entrevista Aluno, 2016).

Com esta fala podemos averiguar de fato que os professores recebiam os livros, porém os livros não eram disponibilizados pela escola ou pelo governo e sim, através de um acordo realizado entre os pais de alunos e as editoras o que nos remete ao pensamento que nem todos os alunos tinham acesso a esse material devido ao fato que o material deveria ser comprado pelos pais dos alunos onde nem todos eles tinham condições de comprar este material pois a população da antiga Vila, hoje Município de Presidente Médici, era constituída de pessoas que viam de outras localidades atrás de uma vida melhor e se estabeleciam na vila e nos arredores, constituindo assim o Município que conhecemos hoje.

Em busca de saber mais fatos sobre as aulas de Matemáticas, procuramos saber como se dava o relacionamento entre professor e aluno na época e obtivemos as seguintes falas dos nossos entrevistados. Segundo o Professor, “Era muito bom, era excelente. Eu tinha essa facilidade por que eu já dei aula esporádicas lá no Nordeste então eu substituí um professor de vez em quando, então eu já tinha essa dinâmica de relacionamento”. (Entrevista Professor, 2016) complementado esta fala, o Aluno nos relata: “Era muito bom, havia mais disciplina, mais rigidez, no passado sempre foi assim, era mais rígido. Era bem

tranquilo mais era muito restrito” (Entrevista Aluno, 2016). Com isso, podemos perceber que o relacionamento entre ambos era bom, mesmo com a rigidez da época, e quando o Aluno cita em sua fala, disciplina e rigidez, nos remete ao pensamento de que os alunos só dirigiam a palavra ao professor quando necessário e que a sala era organizada e silenciosa havendo um respeito mútuo entre ambos.

Outro fato importante dentre esta pesquisa, era saber como os alunos em geral lidavam com a Disciplina de Matemática, saber se tinham dificuldades e o porquê das eventuais dificuldades e com isto saber como os professores lidavam com as mesmas e nas palavras do Aluno,

Eu sempre tive facilidade em matemática (...) os alunos daqui de Médici tinham dificuldades, assim na 8ª série né. Quando a gente foi para o ensino médio a gente tinha dificuldade (...) a gente teve um grupo de professores que vieram da Paraíba, e eles tinham muito pique, muita vontade de ensinar era como se eles estivessem começando, então a gente superou muita coisa lá no ensino médio que era magistério, então não tinha uma matemática mais acirrada por que o primeiro ano foi básico e aí o segundo e o terceiro ano era mais didática pra sala de aula, didática de matemática, didática de português e assim por diante.

(Entrevista Aluno, 2016).

A partir desta fala podemos perceber que de fato os alunos tinham dificuldades e que os professores conseguiram fazer com que seus alunos superassem as mesmas e nas palavras do Aluno podemos perceber que os professores conseguiram tal feito através da vontade em que eles tinham de ensinar tentando justificar essa vontade com o início da profissão, como se os professores estivessem animados por serem seus primeiros alunos e essa fosse uma motivação a mais para os professores porem a matemática ensinada era algo mais básico pois os alunos aprendiam mais a didática de se ensinar do que o conteúdo. Tal fato poderia ser explicado se levarmos em consideração a formação que os professores na época tinham e que esses profissionais não tinham formação na área.

Buscando elementos sobre como era a dinâmica das aulas de matemáticas, indagamos nosso entrevistado, o Aluno, se o mesmo se recordava de alguma aula de matemática que lhe chamou atenção ou se ele lembrava de algum conteúdo específico, estudado na época. Na fala do Aluno,

Não eu não consigo lembrar assim alguma coisa que me chamou atenção. A única coisa que eu não me esqueço, foi que quando eu cheguei eles estavam iniciando a equação do segundo grau lá na 8ª série e que ninguém sabia e eu tinha uma facilidade tremenda, tanto que até hoje eu

não esqueci (...) o que marcou mesmo foi essas aulas de equação do segundo grau.

(Entrevista Aluno, 2016).

Como nosso entrevistado não se lembrava de uma aula em especial, nos remete a pensar que este motivo se deu pelo fato das aulas serem tradicionais sem nenhum mecanismo para cativar os alunos porém o mesmo nos relatou que não se esquece das aulas onde o professor lhe ensinava o conteúdo de equação do segundo grau e na sua fala pode perceber o entusiasmo com que ele nos relata este episódio, este foi um conteúdo que realmente ficou marcado na vida deste aluno tal fato pode ser explicado compreendido quando analisamos a seguinte fala,

Quando eu cheguei o conteúdo estava muito atrasado, então o conteúdo que eu tinha visto no Paraná eles estavam iniciando no segundo semestre e aí me utilizaram para poder ajudar os alunos na questão de equação do segundo grau, eu sabia muito bem equação e eu passei a ajudar os alunos, equação do segundo grau.

(Entrevista aluno, 2016).

Deste modo podemos elencar que está dinâmica de ajudar os colegas de sala a compreender um conteúdo em que o mesmo dominava, fez com que ele não se esquece e guardasse essa lembrança com carinho em sua memória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta pesquisa nos deparamos com diversas teorias e fatos que nos permitem tecer nossas considerações sobre a nossa versão da História da Educação Matemática no Município de Presidente Médici - RO. Buscamos aqui, responder as indagações iniciais que me levaram a realizar esta pesquisa. Este trabalho foi desenvolvido no intuito de desvelar a História da Educação Matemática no Município de Presidente Médici – RO (1972 – 1999) tendo, como principal fonte de pesquisa a atual Escola 15 de Novembro que foi a primeira escola criada no Município no ano de 1972.

Com relação a análise das entrevistas, podemos concluir que as aulas da disciplina de Matemática, se dava de maneira tradicional de forma que o professor utilizava apenas quadro negro e giz para transmitir os conteúdos e utilizava como auxílio o livro didático, que os alunos tinham que adquirir por conta própria, onde todos os exercícios deveriam ser

feitos, sem exceções. Diante das falas de ambos os personagens, podemos identificar que os conteúdos trabalhados na escola era o mesmo trabalhado em outros estados do país, porém de acordo com o aluno, o conteúdo na referida instituição estava atrasado com relação a escola onde o mesmo estudava no Paraná. Outro fator importe em destacar nessas considerações, é a falta de formação por parte dos professores que atuavam na época.

A caracterização dos materiais utilizados na época, se fez possível através das falas dos nossos personagens que relataram como se adquiriam os livros didáticos e como os professores os utilizavam. Durante a entrevista com o Professor, podemos conhecer o nome de um escritor de livros de Matemática da época em questão, porém não conseguimos localizar o livro físico e nem na internet tudo que encontrei do livro foram fotos no google, site de pesquisa da web. Por este motivo não foi possível realizar uma análise da obra utilizada pelo professor.

Com base nestes pressupostos, entendemos que a História da Educação Matemática no Município, a partir da Escola 15 de Novembro, se deu através de uma reprodução do que se era ensinado antes, na maneira tradicional por meio de livros e exercícios nos quais deveriam ser feitos todos que constavam no livro, nas palavras no nosso entrevistado, “de capa a capa”. Desta forma, concluímos que a Educação Matemática deste período na região, tinha como característica, a metodologia de ensino tradicional.

REFERÊNCIAS

Bloch, M. (2001). *Apologia a História ou ofício do historiador*. Tradução: André Telles. Ed. Jorge Zahar. Rio de Janeiro.

Chervel, A. (1990). História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria & Educação*, 2, 177-229.

Joutard, P. (1998). História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: Ferreira, M. M.; Amado, J. (Org.). *Usos e abusos da História oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

Julia, D. (2012). *A Cultura Escolar como Objeto Histórico*. *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 1, n. 1, p. 9-43.

Le Goff, J. (1990). *História e Memória*. Tradução: Bernardo Leitão, et al. Ed. UNICAMP. Campinas - SP.

Pais, L. C. (2016). *Considerações sobre as questões de método na pesquisa em educação matemática*. X Seminário Sul-Mato-Grossense de Pesquisa em Educação Matemática.

ENTREVISTAS

Aluno, *Entrevista I*. [outubro. 2016]. Entrevistadora: Jucielma Rodrigues de Lima Dias. Rondônia, 2016. 1 arquivo .mp3 (09:58 min.).

Professor, *Entrevista II*. [outubro. 2016]. Entrevistadora: Jucielma Rodrigues de Lima Dias. Rondônia, 2016. 1 arquivo .mp3 (03:19 min.).